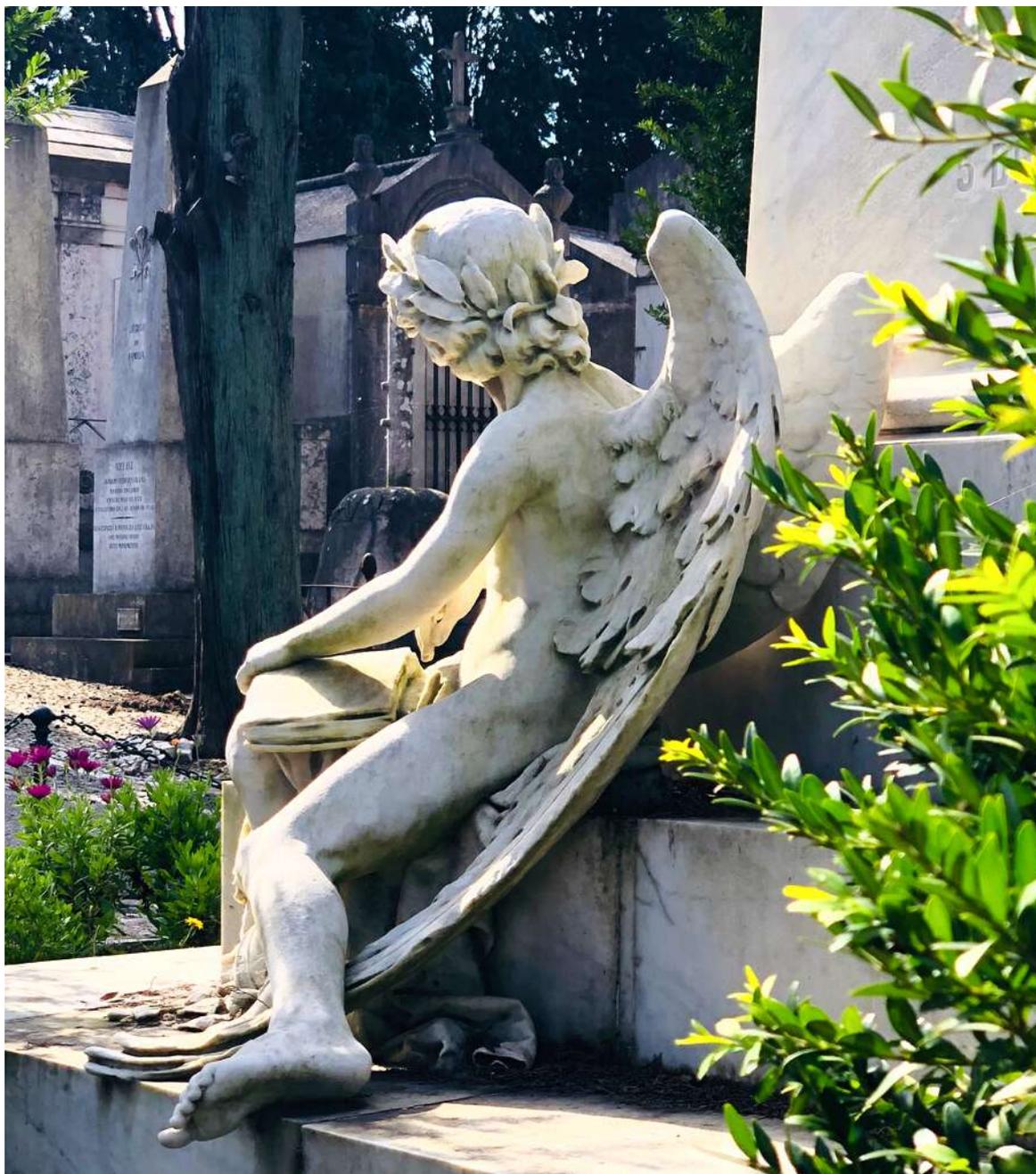


# Cemitérios de Lisboa



BOLETIM CULTURAL DOS  
CEMITÉRIOS DE LISBOA





## EDITORIAL

Em setembro de 2022 lançámos o número 0 do Boletim Cultural dos Cemitérios de Lisboa.

Nesta edição 01, o design e todos os artigos e notas que apresentamos foram realizados por um grupo de colaboradores que integram os quadros da Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa, que aqui partilham os seus trabalhos, estudos e investigação, mas sobretudo a enorme paixão pelo trabalho que desenvolvem no dia-a-dia. Sem esse entusiasmo este Boletim não existiria. A todos, o meu agradecimento.

Desta vez, em *Simbologia* podemos ler um artigo sobre o significado da representação das mãos, destacamos nos *Monumentos Sepulchraes* o inesperado jazigo da família Roque Gameiro, relembramos o tempo em que os funerais eram objeto de minuciosas e descritivas notícias, entrevistámos André Ferreira, que tem vindo a realizar interessantes visitas no Cemitério dos Prazeres relacionadas com mitologia clássica e recordamos a nossa 1ª Semana Cultural nos Cemitérios de Lisboa.

O artigo de fundo, *Casas Económicas e Prédios de Rendimento: O Bairro do Estado Novo*, fala-nos das semelhanças entre o que se fez na cidade e no interior dos cemitérios, nomeadamente no Cemitério do Alto de S. João. Este tema faz parte da visita *Lisboa Modernista*, no mesmo cemitério.

Na rubrica *Pedras e Obras* apresentamos o trabalho de reabilitação do Jazigo dos Viscondes de Valmor no Cemitério do Alto de S. João, um jazigo impar, realizado por inúmeros artistas reconhecidos em áreas como cantaria, arquitetura, pintura, escultura ou serralharia. O interior pode ser descoberto na visita *Conhecer o Cemitério do Alto de S. João*.

Por fim, não podia deixar de vos dizer que já estamos a preparar a 2ª Semana Cultural nos Cemitérios de Lisboa! Guardem na agenda a semana de 7 a 15 de outubro!

SARA GONÇALVES

Envie-nos as suas sugestões e contribuições para [cemiterios@cm-lisboa.pt](mailto:cemiterios@cm-lisboa.pt)





## SIMBOLOGIA: MÃO OU MÃOS ENTRELAÇADAS



J.P. nº3559 do Cemitério dos Prazeres

A mão é uma das representações iconográficas mais transversais na simbologia. Aparece como símbolo religioso, espiritual e divino: na tradição judaico-cristã, a mão direita surge como a personificação de Deus e simboliza a Criação. No Cristianismo, a mão, acrescenta outros significados, conforme a posição dos dedos: bênção divina, legitimação de poder ou ordem divina. A mão no interior de um círculo, simboliza a perfeição de Deus. Para os muçulmanos, a Mão de Fátima confere protecção ou bênção, atributo concedido pela filha favorita de Maomé, Fátima.



J.P. do Cemitério dos Prazeres



J.P. nº1517 do Cemitério dos Prazeres

A mão, ultrapassa assim a representação humana e terrena tornando- - se num símbolo de acção, de força, poder, justiça e protecção. Aparece como tal, desde as pinturas rupestres até aos nossos dias. O seu simbolismo é patente no Budismo, Taoísmo e Hinduísmo cujo desígnio difere consoante a posição dos dedos, se é a mão esquerda ou direita. Em algumas religiões orientais, o lado direito está associado à acção, à dedução, ao masculino e ao Yang, enquanto o lado esquerdo, remete para a emoção e intuição, o feminino e o Yin.



J.P. nº1899 do Cemitério dos Prazeres

Todas as civilizações e culturas têm utilizado a mão como símbolo, desde tempos imemoriais.

Na iconografia fúnebre e focando-nos nas mãos entrelaçadas ou no aperto de mão, a simbologia, remete-nos para a união, a amizade e o amor.

Aparece como símbolo de casal unido em matrimónio, conforme o vestuário visível nas mangas que envolvem os punhos, feminina e masculina. Consequentemente, uma metáfora romântica ao Amor Eterno.



J.P. nº154 do Cemitério dos Prazeres

As mãos podem segurar flores ou objectos típicos da iconografia tumular, como a gadanha, a saudade e a perpétua.

Se as mangas forem idênticas o significado poderá ser: Bem-vindos ao Céu ou Despedida terrena ou simplesmente a amizade.

E. C.



J.P. nº4839 do Cemitério dos Prazeres

#### Bibliografia

- WALKER, Bárbara G., *Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher*, Lisboa, Planeta Editora, 2002.
- ÁVILA, Pablo Martín, *Símbolos religiosos*, Didáctica Editora, 2013.
- TRESIDDER, Jack, *Os Símbolos e o seu significado*, Círculo de Leitores, 2000.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Lisboa, Teorema, 2010.



# MONUMENTOS SEPULCHRAES EM REVISTA\*

Jazigo N.º 6676

O terreno para construção do jazigo particular n.º6676; do cemitério dos Prazeres foi concessionado em Agosto de 1936 a Maria da Assunção de Carvalho Forte Roque Gameiro, viúva do aguarelista e pintor Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), falecido no ano anterior; poucos dias antes do filho mais novo do casal, o escultor Ruy Roque Gameiro (1907-1935).

Desenhado pelo arquitecto José Ângelo Cottinelli Telmo (1897-1948), em 1936, o jazigo é uma das peças mais originais do cemitério dos Prazeres. De aparência invulgar destaca-se do edificado envolvente pela sua volumetria cubica e elementos construtivos inusitados.



J.P. n.º6676 do Cemitério dos Prazeres

Na alvenaria de pedra, de paralelepípedos talhados com várias dimensões e aparelho regular, destacam-se as faces desalinhadas e o acabamento escassilhado grosseiro com junta argamassada.

\* Pode consultar a revista *Monumentos Sepulchraes* (1868) no site da Biblioteca Nacional em <https://purl.pt/26396>.

Uma esfera armilar adorna a porta de ferro, encastrada num emolduramento biselado. Apontamentos simbólicos dispersos, esculpidos nos blocos, acompanham uma grande cruz saliente, de pedra, erguida num embasamento próprio, aposta lateralmente no alçado frontal.

Neste jazigo encerram-se muitos nomes de destaque do panorama artístico português em diversas artes, começando pelo próprio Roque Gameiro e o filho Ruy, que foram trasladados para o jazigo logo que este ficou completo, em 1936.



*Auto Retrato,*  
Alfredo Roque Gameiro,  
aguarela, 40 x 29,5 cm.

Os restantes filhos do artista, também eles aguarelistas, pintores e escultores, repousam na mesma construção: Raquel Roque Gameiro Ottolini (1889-1970), Manuel Roque Gameiro (1890-1944), Maria Emília Roque Gameiro (1901-1996) e o seu marido, o pintor Jaime Martins Barata (1899-1970), Helena Roque Gameiro (1895-1986) e o seu marido, o realizador José Leitão de Barros (1896-1967). Por fim, também o arquitecto Cottinelli Telmo esteve inumado no jazigo da família Roque Gameiro, até ser trasladado em 1970 para a sepultura perpétua n.º 1473.

Maria da Assunção Roque Gameiro, a encomendadora da obra, faleceu a 24 de Julho de 1954, juntando-se ao marido e filhos.

S.P. | G. M.

## NOTÍCIA

### EXUMAÇÃO DE D. JOÃO COSME DA CUNHA

Na sequência das escavações arqueológicas do Convento de São Domingos, em Lisboa, foram encontrados os restos mortais de D. João Cosme da Cunha (1715-1783), Inquisidor-Mor de Portugal entre 1770 e 1783 e nomeado Cardeal pelo Papa Clemente XIV, a pedido do Marquês de Pombal. Uma vez que os restos mortais se encontravam encerrados num caixão de chumbo, o Centro de Arqueologia de Lisboa contactou a Divisão de Gestão Cemiterial para apoio neste processo, uma vez que a abertura de caixões de chumbo implica procedimentos específicos e a Divisão tem instalações próprias para o efeito e conhecimentos práticos.



D. João Cosme da Cunha



Assim, considerando que se tratou de uma exumação arqueológica, foi alocada a recém-criada Sala de Tanatopraxia do cemitério de Carnide e os procedimentos estiveram a cargo do Centro de Arqueologia de Lisboa e da ERA Arqueologia.

A exumação foi concluída em Fevereiro de 2023 e os resultados serão comunicados posteriormente por estas duas entidades.

Créditos fotográficos - ERA Arqueologia



## ECHOS DO PASSADO: QUANDO OS FUNERAIS ERAM NOTÍCIA

Como mencionámos na edição anterior de *Echos do Passado*, os periódicos são uma fonte quase inesgotável de informação para os investigadores, estudiosos e interessados em cemitérios: a prática de escrever artigos sobre a morte de figuras públicas que descreviam detalhadamente os seus últimos momentos e funerais é hoje uma janela para o passado, permitindo perceber rituais, vivências e hábitos dos nossos antepassados.

Um destes casos de grande cobertura mediática foi a morte de Ernesto Hintze Ribeiro (1849-1907): político português, conselheiro, que várias vezes ocupou o cargo de primeiro-ministro e que, no dia 1 de Agosto de 1907, faleceu no cemitério do Alto de São João ao acompanhar o funeral do Conde de Casal Ribeiro.



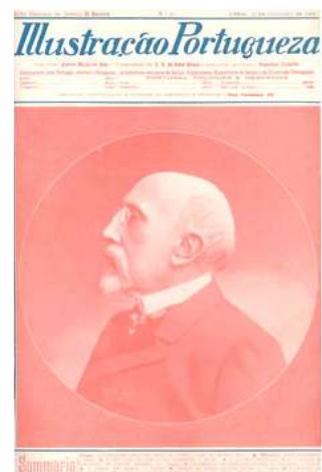
*Ilustração Portuguesa*,  
N.º77, 12 Agosto 1907



*Ilustração Portuguesa*,  
N.º77, 12 Agosto 1907



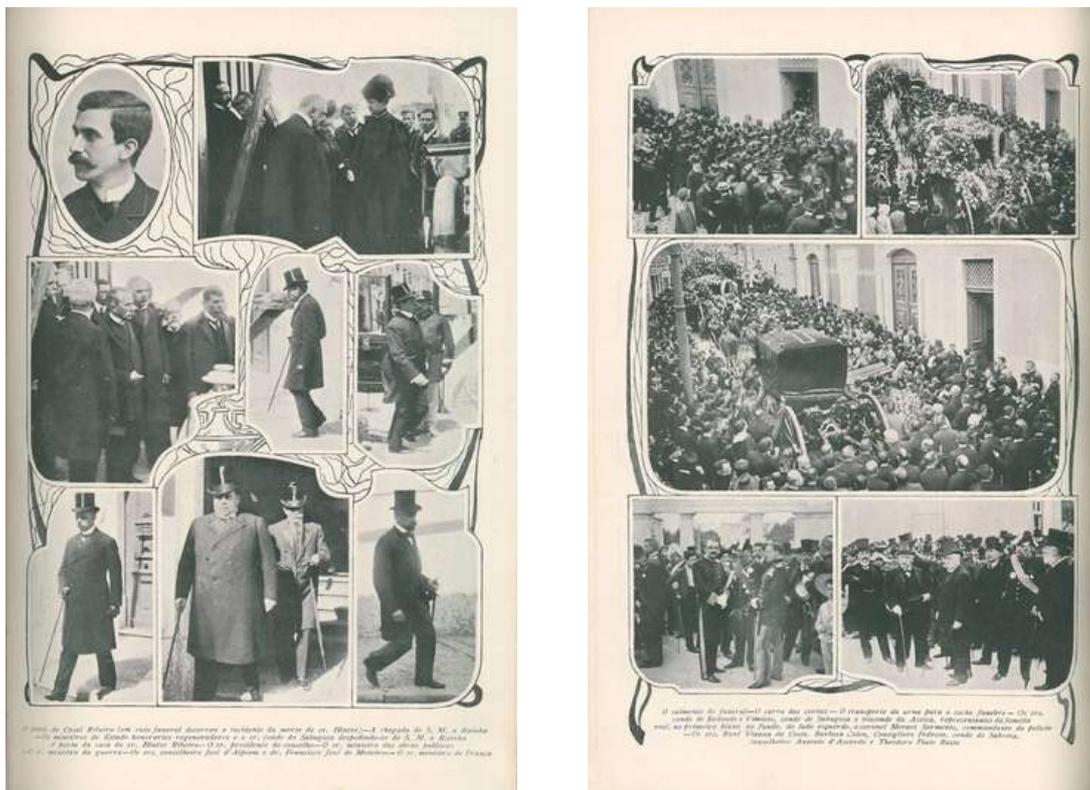
*Diário Ilustrado*,  
N.º12296, 2 Agosto 1907



*Ilustração Portuguesa*,  
N.º92, 25 Novembro 1907



A edição de 2 de Agosto do *Diário Illustrado* apresenta a primeira página marcada por duas tarjas negras, em sinal de luto, e uma ilustração do Conselheiro Hintze Ribeiro, acompanhada de três colunas que, além de descreverem os últimos momentos do Conselheiro no cemitério, ainda detalham a trasladação do cadáver para a casa de família, a forma como foi dada a notícia à esposa, a mensagem da Rainha D. Amélia transmitida pelo Conde de Sabugosa e as visitas de várias personalidades ao longo do dia. O artigo conclui com uma nota biográfica do falecido.



*Ilustração Portuguesa*, N.º77, 12 Agosto 1907

No dia seguinte, no mesmo jornal, dá-se continuidade à cobertura da notícia: descreve-se a multidão de visitantes, transcrevem-se telegramas, detalha-se a câmara mortuária. Regista-se com a precisão de minutos a hora a que a rainha D. Amélia chegou ao velório e o abraço sentido que trocou com a viúva. Termina-se com a publicação do anúncio fúnebre da família Hintze Ribeiro, informando sobre os detalhes do funeral.

De facto, na edição do dia 4 de Agosto, o *Diário Illustrado* dedica toda a primeira página a relatar os vários momentos do acontecimento; ou como o próprio jornal lista nas primeiras linhas do artigo: «Antes do funeral - Missa de corpo presente - O funeral - Aspecto imponentíssimo do préstito - Nas ruas do transito - No cemitério - As coroas - A assistência - Representações - Os discursos - Um brilhante discurso do sr. ministro das Obras Publicas em nome do governo - As honras militares». Inclui-se ainda uma nota final sobre o furto de um relógio de ouro de um dos participantes nas cerimónias.



Illustração Portuguesa, N.º77, 12 Agosto 1907

Outras publicações, como a *Illustração Portuguesa*, optaram por uma reportagem fotográfica detalhadíssima, que ocupa várias páginas e onde, inclusivamente, se pode ver a massa humana que cercou o caixão do Conselheiro e o acompanhou até ao cemitério.

Em Novembro, a mesma publicação volta a fazer uma reportagem de página dupla com as exéquias de Hintze Ribeiro, fotografando as personalidades que participaram na missa de requiem na Igreja de São Domingos.



Illustração Portuguesa, N.º 92, 25 Novembro 1907

Nestes artigos publicados por ocasião da morte de personalidades de destaque, à semelhança do exemplo apresentado, enchiam-se colunas e páginas com todos os pormenores e o público lia, sentindo que participava, que também tinha ido ao cemitério acompanhar o morto à sua última morada.

Hoje, estes artigos transmutaram-se em valiosos instrumentos de estudo, que recriam os ambientes e práticas de épocas que não presenciávamos, trazendo até nós formas de viver que se perderam no tempo. Outras formas de viver a vida. E de viver a morte.

G. M.

## NOTÍCIA

### VISITA DA DELEGAÇÃO DE DÍLI

No quadro do projeto Parceria para o reforço da governação urbana, inclusão social e promoção do empreendedorismo em Díli, Timor-Leste, a Câmara Municipal de Lisboa, parceira do projeto, recebeu uma equipa de seis Dirigentes da Autoridade Municipal de Díli e do Ministério da Administração Estatal do Governo de Timor-Leste que, entre outras actividades, realizou diversas visitas técnicas, incluindo ao cemitério de Carnide.



Foi percorrida a área exterior do cemitério, as instalações técnicas e o espaço onde estão a ser instaladas as futuras salas de velório e forno crematório do cemitério de Carnide.

A delegação de Díli mostrou-se muito interessada na compreensão dos espaços e dos processos mortuários dos cemitérios de Lisboa, incluindo o processo de cremação.



A Direcção Municipal do Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia, da qual faz parte a Divisão de Gestão Cemiterial, continuará a contribuir para este projeto, de acordo com as necessidades.

## NOTÍCIA

### HOMENAGEM A EDUARDO NERY

No passado dia 2 de Março cumpriram-se dez anos sobre a morte do artista plástico Eduardo Nery (1938-2013), tendo sido organizada por Maria da Graça Nery uma sessão de homenagem no cemitério dos Prazeres.

Na cerimónia esteve presente sua Excelência, o Sr. Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa e, em representação da Câmara Municipal de Lisboa o Sr. Vereador com o pelouro dos Cemitérios, Dr. Ângelo Pereira e a Sr.ª Directora Municipal do Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia, Eng.ª Catarina Freitas.



A Câmara Municipal de Lisboa associou-se à homenagem com a cedência de um jazigo onde foram depositadas as cinzas do artista plástico.

# NOTÍCIA

## OS CEMITÉRIOS DE LISBOA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO



Lisboa Secreta, 29 Setembro 2022



Newsletter ANEL, Setembro 2022



©Câmara Municipal de Lisboa | Jardim dos Viscoões de Valmor, no Cemitério do Alto de São João

### Lisboa vai ter uma semana dedicada aos cemitérios

TimeOut, 30 Setembro 2022



JN, 14 Outubro 2022



TVI, 11 de Outubro 2022





## ENTREVISTA

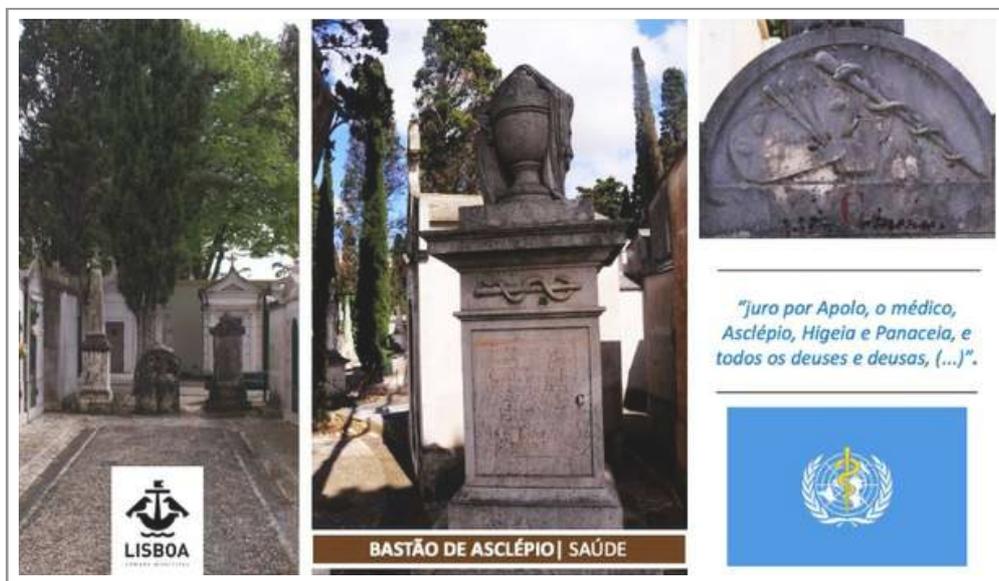


### 1. Nome, profissão, idade

Chamo-me André Ferreira, tenho 44 anos e sou professor do ensino secundário, investigador independente e mestrando em Estudos do Património.

### 2. Como surgiu a relação que tem com os cemitérios?

A relação com os cemitérios iniciou-se desde muito cedo. Em criança, no Cemitério Municipal de Santa Comba Dão, de onde sou natural, nunca tive receio de entrar em cemitérios. Pelo contrário, despertou-me sempre a curiosidade de toda a atmosfera simbólica petrificada em jazigos. Mais tarde e depois de visitar o Cemitério dos Prazeres em Lisboa, essa curiosidade aumentou. Desse encontro às formações, à investigação pessoal e à produção de conteúdos foi um salto.



### 3. Como funcionam as suas visitas? Sabemos que faz visitas presenciais e virtuais.

Em 2015, com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, da Central Models e de nove espaços culturais de Lisboa, e com ajuda de vários



artistas, desenvolvi um projeto intitulado *LisbonMuse* que tem como objetivo a divulgação do património através da Mitologia Clássica. O produto final permitiu a elaboração de uma exposição junto à Estação do Rossio, em Lisboa. A partir desse ano foram registadas as coleções museológicas de vários palácios e museus de Lisboa. Em fevereiro de 2018, graças ao apoio do Palácio Nacional de Lisboa, desenvolvi o primeiro guião alusivo a uma visita guiada num espaço museológico. Foram realizadas 4 visitas até ao mês de junho.



**ICONOGRAFIA E MITOLOGIA CLÁSSICA**  
**CEMITÉRIO DOS PRAZERES**

A VISITA INCLUI A ENTRADA  
 NO JAZIGO DOS DUQUES DE PALMELA

ATIVIDADE GRATUITA  
 INSCRIÇÃO OBRIGATÓRIA ATÉ DIA 07/07 (SUJEITA A CONFIRMAÇÃO)  
 E-MAIL: MITHOSGRECOROMANOS@GMAIL.COM  
 AUTORIA E ORIENTAÇÃO - PROF. ANDRÉ FERREIRA

**09 DE JULHO 2022** | **10H30**

COM O APOIO DA DIVISÃO DE GESTÃO CEMITERIAL - CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA **MYTHOS**



Dado que o interesse dos participantes aumentou, existiu a oportunidade dessas visitas se estenderem a palácios nacionais (como Mafra e Queluz), museus (Gulbenkian, Coches e Artes Decorativas Portuguesas), em Casas-Museu (Medeiros e Almeida), outros palácios particulares (Chiado e Foz) ou espaços ao ar livre, como o Cemitério dos Prazeres. Em 2020, o ambiente pandémico permitiu o desenvolvimento de um conjunto de visitas online, através da plataforma zoom, que fizeram chegar o estudo de objetos museológicos por mais de 100 pessoas em simultâneo. O objetivo das visitas online passa pela apresentação/ estudo e partilha de coleções pouco estudadas sob o ponto de vista da mitologia clássica. As pessoas inscrevem-se via e-mail [mithosgrecoromanos@gmail.com](mailto:mithosgrecoromanos@gmail.com) e recebem a divulgação das várias visitas (presenciais e em ambiente online).

#### **4. Qual o modelo de visitas que prefere? E porquê?**

Para ser sincero sinto-me bem em ambas. Dado que sou professor há 18 anos, gosto de estar em contacto com as pessoas. O presencial “restringe” o número de participantes, mas a análise iconográfica e odisseia de mitos exige tempo e interesse. E por vezes é preferível “trabalhar” com um grupo pequeno, mas com interesse, É uma temática muito particular. Ou se gosta ou não. O ambiente online também tem vantagens porque o participante para além de estar no conforto da sua casa, poderá visualizar pormenores mais difíceis de visualizar de perto. Graças ao online algumas pessoas de mobilidade reduzida ou que estão longe de Lisboa podem participar.

#### **5. Há quanto tempo faz visitas aos cemitérios?**

Iniciei a primeira visita ao Cemitério dos Prazeres em outubro de 2018.

#### **6. Consegue cruzar o seu mundo profissional com esta outra vertente?**

A organização, a força de vontade, o amor pelo que se faz e a multiplicidade de papéis que um docente hoje desempenha são os “segredos” para se conseguir conciliar ... o mundo profissional, o estudo (trabalhador-estudante), a investigação e a produção dos conteúdos de cada visita e sua respetiva dinamização. Não é fácil, mas quem corre por gosto ...





### **7. Qual o seu cemitério preferido? E qual o monumento funerário de que mais gosta?**

O Cemitério dos Prazeres é o cemitério que mais gosto em Portugal e provavelmente o que conheço melhor. Neste cemitério são alguns os monumentos funerários de que gosto. Como é muito difícil a escolha de um monumento neste museu a céu aberto irei destacar alguns, tais como o magnífico Jazigo Carvalho Monteiro com a sua *Acherontia atropos* na porta; fico sempre deslumbrado com a escultura velada do monumento de Francisco Sousa Viterbo, atribuída ao escultor Francisco Santos, bem como a escultura de bronze, da musa Clio, dos irmãos Teixeira Lopes. Desde que entrei no Jazigo dos Duques de Palmela, e dado que gosto muito de escultura, considero a escultura “A Dor” de Célestin Calmels um dos melhores exemplos de beleza de um monumento funerário. Internacionalmente, sou apaixonado pelo Cemitério de Milão, que todos aqueles que gostam de arte funerária deveriam conhecer.

# NOTÍCIA

## ICONOGRAFIA TANATOLÓGICA EM MAFRA

A Câmara Municipal de Mafra organizou o *I Colóquio Ernesto Soares: Iconografia e Símbolo*, coordenado pelo Prof. Manuel J. Gandra e que decorreu nos dias 24 e 25 de Fevereiro no auditório da Casa da Música Francisco Alves Gato em Mafra.

A Divisão de Gestão Cemiterial esteve representada pela Dr.<sup>a</sup> Gisela Monteiro que apresentou a palestra *Iconografia Tanatológica: representação da Morte no cemitério*, procurando ilustrar a forma como os cemitérios portugueses, especialmente os de Lisboa, integram nas suas construções diversos elementos evocativos da Morte, de forma directa ou indirecta.

Serão publicadas as actas do colóquio, o que irá permitir dar continuidade à divulgação de todos os trabalhos apresentados.



### Representar a Morte – imagens directas





**Alto de São João, Lisboa, Portugal**

Iconografia Tanatológica: Representação da Morte no Cemitério Gisela Monteiro 77



## FLORES DE PEDRA

No século XIX, a Linguagem das Flores era conhecida por todos e usada para trocar mensagens entre amigos, familiares e amantes. Também nos cemitérios se escolhiam as flores a talhar nos túmulos para transmitir uma mensagem.

Fique a conhecer o significado das mais de 40 espécies identificadas através do livro *Flores de Pedra / Flowers of Stone*.



Disponível para aquisição nas secretarias dos cemitérios do Alto de S. João e dos Prazeres, nas lojas da rede de Bibliotecas de Lisboa e [online no site BLX](#).

# 1ª SEMANA CULTURAL NOS CEMITÉRIOS DE LISBOA



Entre 8 e 16 de outubro de 2022 realizou-se a *1ª Semana Cultural nos Cemitérios de Lisboa*. Foram estabelecidas parcerias para a realização e participação em eventos, com os gestores dos cemitérios de Lisboa de gestão não Municipal (Cemitério Alemão e Cemitério Britânico) e com agentes culturais, como a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a Mythos, o Coro da Assembleia da República, os Urban Sketchers para além da Associação Portuguesa de Arte Fotográfica e as universidades cujos alunos realizaram trabalhos académicos connosco (Faculdade de Belas Artes e Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa).



Paralelamente realizou-se uma formação ministrada pelo Prof. Francisco Queiroz sobre arte cemiterial que culminou com uma visita aberta ao público.

A semana ficou concluída com um Workshop destinado aos voluntários que têm trabalhado connosco no Programa de Voluntariado, ainda ativo, *Adopta uma Rua no Cemitério*.





A avaliação que fazemos dessa semana é de um enorme sucesso. Este evento permitiu-nos divulgar o património histórico, artístico e patrimonial que temos nos nossos cemitérios, chegando a mais pessoas. Estamos já a preparar a nova edição!

S. G.

**2ª SEMANA CULTURAL NOS CEMITÉRIOS** **07** **15** **Outubro**



# CASAS ECONÓMICAS E PRÉDIOS DE RENDIMENTO

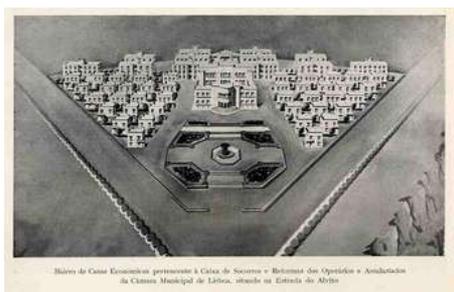
## O Bairro do Estado Novo

O cemitério do Alto de São João é o maior e mais movimentado cemitério de Lisboa. Com uma área de cerca de vinte e dois hectares, reúne aproximadamente 7 mil jazigos particulares. As construções perpétuas começaram em 1839 e foram sendo implantadas inicialmente desde a rua que liga o portão à capela até às extremidades do cemitério. Assim ao chegar aos Anos 30 do século XX, restavam poucos espaços para concessionar.

Uma das zonas amplas ainda disponível era uma área nas traseiras da capela, a norte do cemitério, contornada pela Rua 17, paralela ao muro. Esse espaço, maioritariamente concessionado entre 1933 e 1974, é conhecido popularmente por *Bairro do Estado Novo*.



Aspecto do Bairro de Casas Económicas, em construção, pertencente à Caixa de Seguro



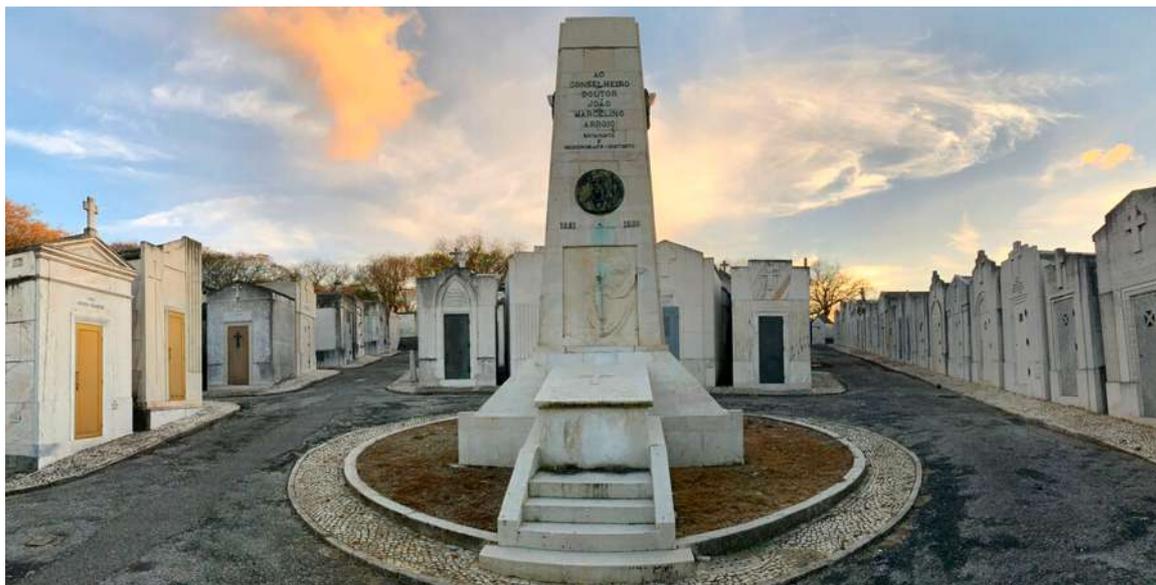
Bairro de Casas Económicas pertencente à Caixa de Seguro e Reforma dos Operários e Artistas da Câmara Municipal de Lisboa, situado na Estrada do Alvito

Bairro do Alvito, 1936  
*Anuário da Câmara Municipal de Lisboa*



Bairro do Estado Novo  
Google Maps, Fevereiro 2023

Efectivamente, ao entrarmos nesta secção, conseguimos perceber uma similitude com os bairros das chamadas *casas económicas* que estavam a ser construídas neste período, como o Bairro do Alvito. O acesso é feito a partir de uma pequena praça com o jazigo-monumento dedicado ao Conselheiro João Marcelino Arroyo (1861-1930) e onde convergem várias das ruas que dividem os blocos de construção.



*Bairro do Estado Novo, a partir da Rua 17*

Ao contrário das secções mais antigas, todo espaço disponível foi utilizado para a construção de jazigos-capela e arruamentos, não existindo sepulturas perpétuas no interior dos talhões. Os jazigos foram construídos lado a lado e com os tarдозes encostados, *back-to-back*, à semelhança dos bairros de casas económicas, o que permitiu maximizar o número de construções.

Esta economia do espaço está patente também nos próprios jazigos, que começam por apresentar uma fachada mais estreita, permitindo um maior número de jazigos por rua, mas o *Regulamento dos Cemitérios* de 1940 estabeleceu novas dimensões mínimas para as fachadas dos jazigos-capela e esta característica perdeu-se. As escolhas estéticas deste período espelham os princípios modernistas que estavam a ser aplicados no exterior do cemitério, em edifícios públicos e privados, apresentando linhas direitas e formas geométricas fortes.



J.P. nº6160

Se observarmos estes jazigos conseguimos identificar um conjunto de características específicas, como a utilização de platibandas a ocultar telhados de duas águas, simulando placa, portas de pedra decoradas com cruzes vazadas ou entalhamentos simples, decoração minimalista e pouco diversificada: ausência de acrotérios, ausência de alegorias e de simbologia profissional, presença de alguma simbologia de mortalidade, limitada a fogaréus, às letras gregas Alfa e Ómega e alguma flora, louro e rosas, estilizados. As cruzes, presentes na quase totalidade dos jazigos, são incluídas de forma subtil, descentrada ou integrada no desenho, salientando a religiosidade e associação cristã dos monumentos, num formato que procura invocar humildade pela sua representação.



Telhado de duas águas ocultado por platibanda (tardoz)



J.P. nº6421

Outra mudança é o desaparecimento dos almofadões para gravação de epitáfios, sendo os próprios epitáfios reduzidos ao mínimo, limitando-se à identificação do concessionário, quase sempre numa referência colectiva, usando o nome da família ou a expressão “jazigo de família”, mesmo quando optam por incluir o nome completo de um indivíduo. Todas estas escolhas contribuem para criar uma estética depurada.

Para isto também contribuiu o já referido *Regulamento dos Cemitérios* de 1940, que exigiu sobriedade nas decorações e limitou a utilização de pedras de diferentes cores na mesma construção, por exemplo.

Ainda em 1940 os projectos para construções funerárias nos cemitérios de Lisboa passam a ter a assinatura obrigatória de um arquitecto e a sua identificação epigrafada na fachada dos jazigos. Numa visita ao Bairro pode encontrar-se nomes importantes da arquitectura nacional da época, como Raul Tojal (1900-1969), conhecido pelo seu trabalho nos cafés modernos, como o Palladium nos Restauradores, e cuja Piscina do Clube Algés e Dafundo (1930-32) é considerada por José-Augusto França como «directamente moderna»<sup>1</sup>, ou Raul Lino (1879-1874), considerado «o grande arquitecto precursor da renovação da arquitectura portuguesa e uma admirável alma de artista moderno»<sup>2</sup>.



J.P. nº6267, Arq. Raul Tojal      J.P. nº6367, Arq. Raul Lino

Consideram-se assim jazigos de inspiração modernista, os que apresentam este tipo de particularidades e, como nos casos referidos, foram muitas vezes concebidos «por arquitectos do século XIX ou da primeira e segunda geração de modernistas»<sup>3</sup> em que «a pureza das

1. FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009, 4.ª edição, p.166.

2. Citação original da revista *Ilustração* de 31/07/1931, *apud* FRANÇA, *op. cit.*, p.160.

3. COSTA, Lucília Verdelho da, *Cantarias de Lisboa*, Lisboa, Edições INAPA, 2000, p.110.

suas linhas contrasta com uma sensibilidade visual que, ao longo de século e meio, deixou marcas profundas na memorização escultórica da morte»<sup>4</sup>.



Rua 42

Para além dos bairros de casas económicas, eram também populares à época os prédios de rendimento, florescendo pelas novas avenidas da cidade. Neste tipo de construção destacou-se o trabalho do arquitecto Cassiano Branco (1897-1970), definindo o «carácter plurifamiliar dos edifícios, delimitando com vigor os diferentes andares e apartamentos»<sup>5</sup> através da «geometria da fachada»<sup>6</sup>. Estes princípios e conceitos criaram um formulário que foi «captado e reproduzido por construtores e engenheiros numa prática que se tornou corrente e que foi capaz de redefinir a tipologia do «prédio de rendimento»»<sup>7</sup>.

A ideia de valorização das fachadas principais foi popularizada e acabou por dar origem às, agora célebres, «mulheres entaladas»<sup>8</sup>. Estas

4. *Loc. cit.*

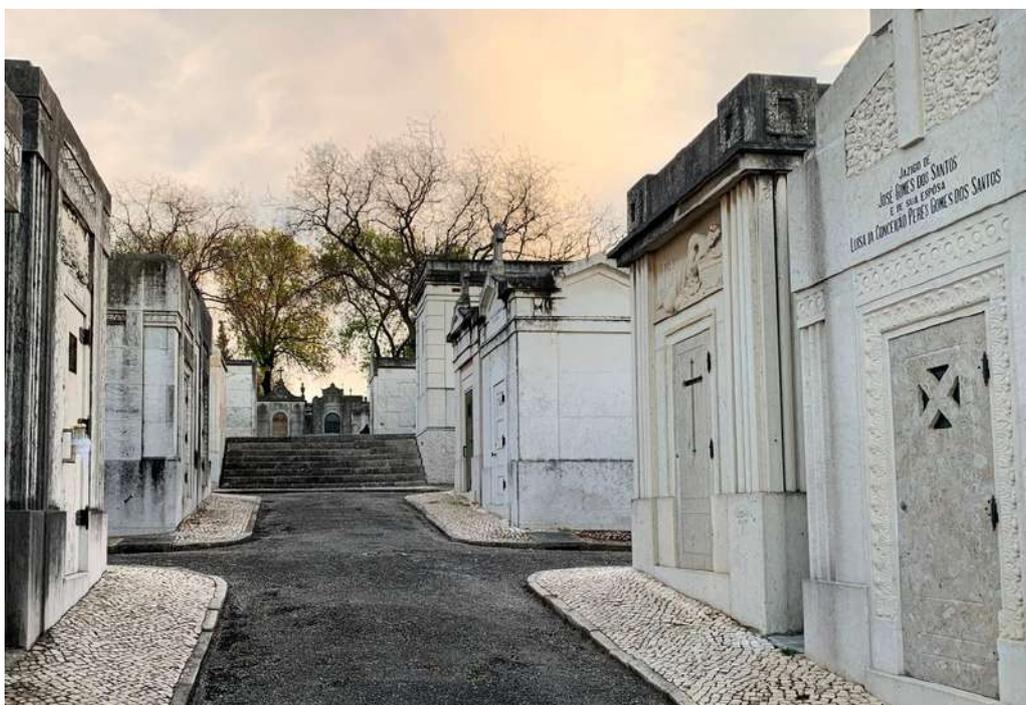
5. ACCIAIUOLI, Margarida, *Casas com Escritos: uma história da habitação em Lisboa*, Lisboa, Bizâncio, 2015, p.452.

6. *Loc. cit.*

7. *Loc. cit.*

8. AMARAL, Francisco Keil, *Lisboa, Uma Cidade em Transformação*, s.l., Publicações Europa-América, 1969, p.164.

intervenções artísticas consistiam na colocação de baixos-relevos entre o lintel e a sacada dos edifícios, representando normalmente figuras de traços femininos, deitadas ou sentadas, de forma a maximizar o aproveitamento do exíguo espaço disponível. As mulheres entaladas - designação depreciativa criada pelo arquitecto Francisco Keil do Amaral - nascem como resposta às limitações impostas pelo *Regulamento Geral da Construção Urbana*, uma vez que este só permitia a inclusão de relevos e elementos artísticos acima das cornijas dos edifícios, no formato de «acrotérios (...) de carácter decorativo, artístico»<sup>9</sup>, ou adossados na fachada principal, localizando-se «entre duas linhas horizontais imaginárias, situadas à distância de 2,5 m a 3,5 m do ponto mais alto do passeio»<sup>10</sup>, limitando-as assim a um metro de altura.



Rua 42

Com a popularização desta linguagem decorativa, os arquitectos integraram-na noutras edificações para além dos prédios de rendimento, incluindo em construções funerárias. Rapidamente, também nos cemitérios surgiram jazigos particulares decorados com mulheres entaladas.

9. MARQUES, Inês Maria Andrade, “«Entalados» nas fachadas de Lisboa. Práticas escultóricas na construção de rendimento na década de 1950. O bairro de Alvalade.”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2ª Série, n.º 7, 2017, p.298.

10. *Loc. cit.*

No Bairro do Estado Novo encontram-se dois casos que, para além de representarem as tipologias de mulheres entaladas que podemos encontrar nos cemitérios de Lisboa, corporizam o impacto do *Regulamento dos Cemitérios* de 1940 nas construções funerárias e que já mencionámos, como a cor das pedras utilizadas ou a sobriedade das decorações. Até mesmo o jazigo-monumento central que abre o Bairro do Estado Novo integra esta escolha estética.



J.P. nº5989 J.P. nº6449

Deixamos ao leitor um convite para vir visitar este nosso bairro de "casas económicas e prédios de rendimento" dedicado aos mortos, construído em simultâneo e à semelhança dos bairros de casas económicas e prédios de rendimento que estavam a ser construídos lá fora, para os vivos.

G. M.

## VISITAS NOS CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE LISBOA

A Divisão de Gestão Cemiterial disponibiliza um conjunto de visitas orientadas gratuitas, que nos últimos anos tem sido alargado a novas temáticas e cemitérios. Podem ser agendadas para grupos de 8 a 30 participantes.

### Alto de São João

Conhecer o Cemitério

Conhecer o Cemitério & Cripta dos Combatentes

Flores de Pedra - simbologia das flores

Lisboa Modernista

### Prazeres

A Memória das Palavras - escritores e poetas

Arquitectura Funerária, um caminho diferente

Até que a Morte nos Separe - percurso romântico

Conhecer o Cemitério dos Prazeres

Flores de Pedra - exposição e visita

O Jazigo dos Duques de Palmela

Percursos no Feminino - mulheres famosas

Pessoas em Pessoa - percurso pessoano

Protagonistas da Revolução Liberal de 1820

Simbologia no Cemitério

Último Palco - actores e atrizes

Volta e Notas - músicos

### Ajuda

Conhecer o Cemitério & Cripta

### Benfica

Conhecer o Cemitério

### Lumiar

Conhecer o Cemitério

Escolha a visita, reúna um grupo de amigos e contacte-nos através do endereço [cemiterios@cm-lisboa.pt](mailto:cemiterios@cm-lisboa.pt)



## PEDRAS E OBRAS

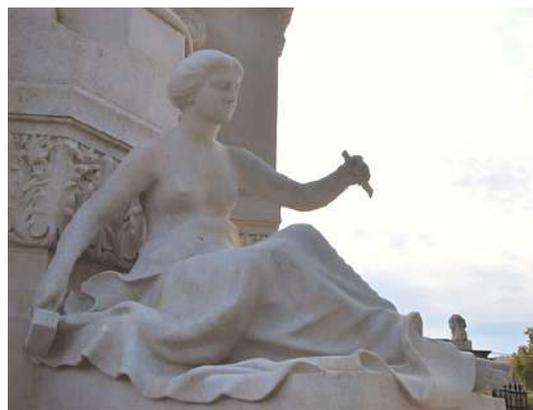
### Reabilitação do Jazigo dos Viscondes de Valmor no Cemitério do Alto de S. João



O 2.º Visconde de Valmor, Fausto Queirós Guedes (1837-1898) foi um incansável mecenas de pintores e escultores portugueses, de instituições culturais como a Sociedade Nacional de Belas Artes e o Museu Nacional, além da protecção que deu à arquitectura nacional, através da criação do Prémio Valmor.

O Jazigo dos Viscondes de Valmor foi construído pela empresa António Moreira Rato & Filhos com projecto do arquitecto Álvaro Machado, ficando concluído em 1903. A cantaria decorativa ficou a cargo do escultor Costa Motta (sobrinho).



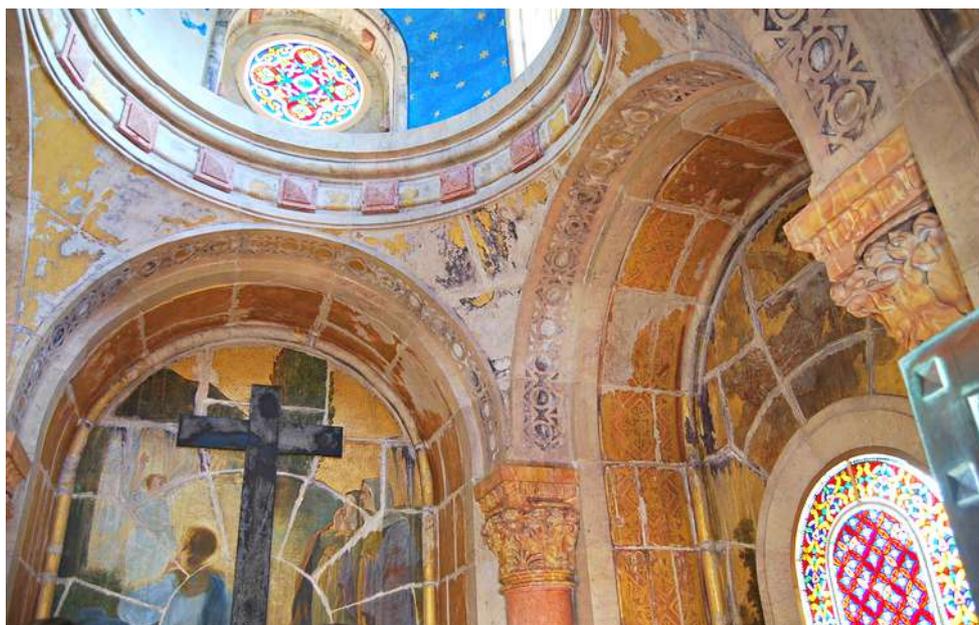


As quatro esculturas em pedra calcária que se encontram nas bissetrizes dos ângulos do embasamento, são obras dos escultores José Moreira Rato (sobrinho), Fernandes de Sá, Thomás Costa e Costa Motta (tio), que representam respectivamente a pintura, a escultura, a gravura e a arquitectura.



A porta em bronze é da serralharia de Vicente Joaquim Esteves. No interior do edifício foram utilizadas pedras calcárias coloridas na base das colunas, fustes, capitéis e pavimento.





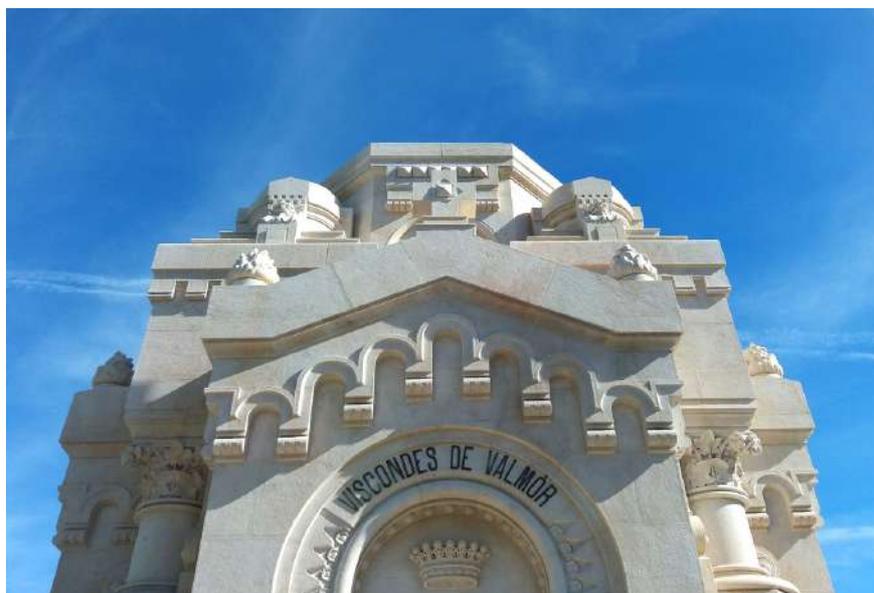
Do ponto de vista pictórico, é possível verificar a existência de pintura figurativa e decorativa. Decoração da abóbada, arcos e douramentos ficaram a cargo do dourador lisboeta Manuel João da Costa, que recorreu à utilização de folha de ouro fino e têmperas. As quatro pinturas figurativas foram realizadas por Veloso Salgado, Carlos Reis, António Tomás Conceição e Silva e Ernesto Condeixa. Os vitrais foram executados em França na oficina de Adrien Baratte.



Em Setembro de 2016 o jazigo foi classificado como MIM – Monumento de Interesse Municipal e encontrava-se em muito mau estado, sobretudo no seu interior, em consequência da entrada de água que provocou a degradação das diversas pinturas.



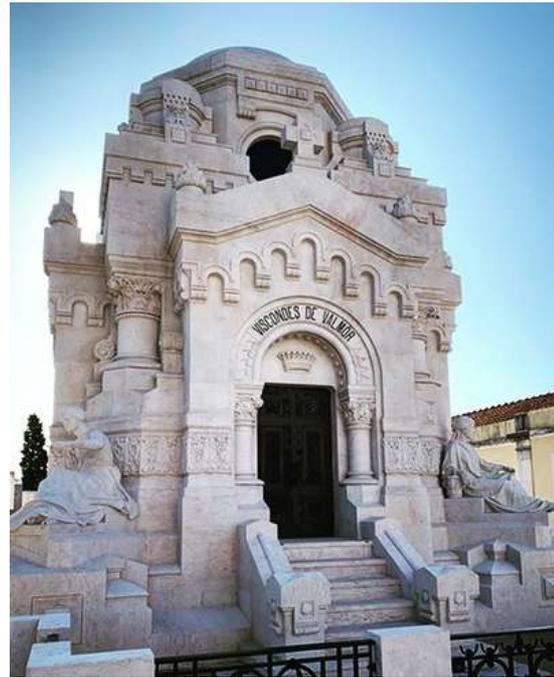
O jazigo tinha sido alvo de recuperação nos anos 80 do séc. XX, mas não havendo registos dessa intervenção e o estado das pinturas demonstram a falta de sensibilidade pelo património ali presente, ficando as pinturas definitivamente irrecuperáveis.



Não havendo herdeiros ou outros responsáveis pela manutenção, e por forma a poder reabilitar o jazigo, em 2016, a Câmara Municipal de Lisboa, nos termos do *Regulamento dos Cemitérios*, promoveu o processo de prescrição.

A base desta intervenção assentou no princípio de intervenção mínima, em pedra, metais e pintura sobre pedra, procurando travar processos de degradação e actuar sobre os agentes de deterioração. De acordo com regras de restauro e uma vez que não há registos fotográficos ou outros, optou-se por intervir nas pinturas apenas de forma a torná-las reconhecíveis, mas não promovendo a total recuperação.

V. C. | S.G.



Antes

Depois



Antes Depois



## FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA | DIREÇÃO MUNICIPAL DO AMBIENTE, ESTRUTURA VERDE,

CLIMA E ENERGIA | DIVISÃO DE GESTÃO CEMITERIAL

EDIÇÃO: DGC

COORDENAÇÃO: SARA GONÇALVES

PESQUISA, CONTEÚDOS: EMA CÂMARA, GISELA MONTEIRO, LICÍNIO FIDALGO, SÉRGIO PALMEIRO E VENÍLIA CAEIRO

DESIGN: INÉS RIBEIRO

DGC- DIVISÃO DE GESTÃO CEMITERIAL-R. DO RIO ZEZERE 1600-755 LISBOA

PERIODICIDADE: SEMESTRAL

FORMATO: DIGITAL

[WWW.LISBOA.PT](http://WWW.LISBOA.PT)

CEMITERIOS@CM-LISBOA.PT